



HUNTER, Richard. *The Measure of Homer: The Ancient Reception of the Iliad and Odyssey*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

Eduardo da Silva de Freitas

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ/FAPERJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil
eduardosfreitas@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-9771-9913>

Em 2018, a Cambridge Univesrity Press publicou *The Measure of Homer: The Ancient Reception of the Iliad and Odyssey*, de Richard Hunter. O professor, que há muito se dedica ao estudo da literatura dos períodos helenístico e imperial, é referência recorrente em trabalhos acadêmicos no Brasil especialmente com suas obras *The New Comedy of Greece and Rome*, de 1985 – traduzida para o português em 2010 com o título *A comédia nova na Grécia e em Roma – e Tradition and Innovation in Hellenistic Poetry*, de 2004, publicada em conjunto com o professor Mario Fantuzzi.

Na publicação de que se trata agora, apesar de o título sugerir o estudo de um amplo arco temporal, Hunter se propõe a seguir algumas apropriações dos poemas homéricos por escritores dos períodos helenístico e imperial. O ponto de partida é a forte influência dos poemas homéricos sobre artistas e críticos da antiguidade para rastrear certos modos de aproveitamento do conjunto épico. O autor nos mostra como alguns escritores daqueles períodos não só instrumentalizam os torneios linguísticos e as expressões homéricas, mas também estabeleceram debates sobre os valores que julgam representados por certas cenas nas épicas. Trata-se de uma obra de exercício de leitura e interpretação de

como Homero foi compreendido e incorporado em alguns escritos da antiguidade.

O título é convidativo à leitura, mas, já no início, Hunter esclarece que apenas reúne uma série de estudos sobre a recepção de Homero e reconhece lacunas importantes no seu trabalho que deixa de lado a apropriação de Homero pelo drama grego e pela épica imperial. De todo modo, embora não seja um estudo sobre toda a recepção antiga de Homero, o fato é que inúmeros autores são citados ao longo do livro: do arcaico Hesíodo, até o medieval Eustácio, passando por Platão, Aristarco, Longino e Dio Crisóstomo entre outros. No geral, apesar de a reunião de citações acontecer, por vezes, de forma superficial e açodada, o livro traz uma série de considerações relevantes a respeito de alguns olhares lançados sobre Homero por diferentes poetas e comentaristas da época helenística e imperial.

O livro está dividido em cinco capítulos que, apesar de unificados pela ideia da influência homérica, apresentam andamentos bastante independentes. O primeiro deles, “Placing Homer”, tem como ponto de partida o delineamento do perfil solene emprestado a Homero em alguns registros escritos e pictóricos do mundo antigo. Associando Homero aos deuses, ao sol e ao oceano, eles materializam a ideia de onipresença e onipotência do poeta e de seus escritos. Hunter verifica essa influência tanto em algumas inscrições epigramáticas do período helenístico e imperial encontradas pelo mundo de influência grega como em dois discursos de Dio Crisóstomo, *Discurso da Eubeia* ou o *Caçador*, e o *Discurso XXXVI*. No primeiro caso, ele observa a presença modelar de Homero nos textos, cujos assuntos são trabalhados recorrendo-se às personagens e às formas de expressão típicas dos poemas que servem expediente enobecedor dos discursos a que são incorporados. Quanto aos textos de Dio, chama a atenção de Hunter o tom moralizante da apropriação de Homero, em que ressuma a prevenção platônica contra a poesia aliada à proposta de substituí-la por relatos mais enobecedores. É interessante acompanhar com Hunter o contraste dos registros em termos de circulação e produção, além dos diferentes níveis e tipos de diálogo que estabelecem com os poemas homéricos.

O segundo capítulo, intitulado “Homer and the Divine”, trata da recepção do aparato mitológico dos poemas homéricos. Ele se abre com a apresentação das visões sobre os deuses como símbolos ou alegorias dos elementos da natureza e do debate sobre a interferência das divindades nas ações humanas. Ambas as preocupações que irmanam os leitores modernos de Homero a Porfírio, Longino e Plutarco. O tema da morte, presente no capítulo anterior, é retomado agora para que Hunter apresente como a morte era, por vezes, representada nos termos de um convite para a integração à convivência com os deuses, ao que se associava a ideia de admissão do morto num banquete divino nos termos homéricos. Em seguida, depois de argumentar que a noção de grandiosidade que paira entorno de Homero deriva da linguagem hiperbólica da épica, Hunter passa à cena do encontro de Páris, Helena e Afrodite no canto III, da *Iliada*, para abordar os elos estabelecidos pelos antigos entre divindade e amor. Recuperando o debate antigo sobre se o amor teria origem humana ou divina, Hunter exhibe toda sua erudição para anotar as nuances das representações do amor em poetas, como Apolônio de Rodes, Eurípedes, Hesíodo, Ovídio. O capítulo se encerra com o tratamento da influência da representação dos deuses homéricos sobre os gregos, privilegiando o *Discurso Olímpico*, de Dio Crisóstomo, com sua abordagem das relações entre poesia e arte figurativa.

O elogio de Odisseu à vida festiva no início do canto IX da *Odisseia* é mote do terceiro capítulo, “The Golden Verses”. Hunter sobrevoa uma miríade de textos, entre os quais estão a *República* e o *Protágoras*, de Platão, e *O banquete dos sete sábios* e *Do banquete*, de Plutarco, e alguns trechos de *Teognis*, verificando como aquele fragmento suscitou toda uma discussão posterior sobre o simpósio, em linhas gerais contraposta à ideia expressa por Odisseu de que beber e comer ao som de um aedo é o que há de melhor na vida. Hunter registra como estão presentes nessas obras a exortação de moderação dos participantes dos simpósios, certa indisposição contra a presença da poesia e o respeito aos deuses. No trecho final do capítulo, encontra-se um excursus sobre a narrativa da perspectiva dos antigos, excursus motivado pelas indagações

de Odisseu (*Od.* IX, 14) sobre por onde começar o relato de suas aventuras.

No quarto capítulo, “Homer among the Scholars”, o foco de Hunter são as questões colocadas pelos estudiosos antigos do texto homérico a respeito de lapsos e inconsistências de certas partes dos poemas. O capítulo dá grande destaque às anotações de Aristarco sobre o texto, especialmente a respeito da cena do canto XIV da *Iliada*, em que Hera pede auxílio a Afrodite para seduzir Zeus, e a cena do encontro entre Nausicaa e Odisseu no canto VI da *Odisseia*. Hunter acompanha os argumentos de Aristarco que questiona a autenticidade de certos versos, considerados por ele inverossímeis no conjunto das cenas ou mesmo destoante do que acredita ser o padrão da composição homérica. Além disso, Hunter se volta para a prática frequente entre os autores antigos de retrabalhar os textos homéricos, expandindo certas cenas dos poemas ou acrescentando-lhes algo de jocoso/paródico, como fazem Dio Crisóstomo, Filostrato e Luciano e Plutarco. Para terminar o capítulo, Hunter volta ainda uma vez a Longino para explorar a ideia que circulava entre os antigos segundo a qual a *Iliada*, com sua forma mais intensa e dramática, seria obra da juventude de Homero, ao passo que a *Odisseia*, mais narrativa, o seria da velhice.

O capítulo de encerramento do livro, “The Pleasures of Song”, é quase todo dedicado a alguns dos desdobramentos que a cena de Odisseu com as Sirenes no canto XII teve nas letras gregas e termina com uma breve análise da cena em que Aquiles aparece tocando lira no canto IX da *Iliada*. Após apontar que aquela cena está ligada ao debate antigo a respeito do prazer e da utilidade, Hunter traz o Platão do *Fedro*, do *Teeteto*, do *Crátilo* e d’ *O Banquete* novamente ao primeiro plano, para destacar a crítica do filósofo à poesia, enquanto falsa promessa de conhecimento, e o elogio da dialética como a verdadeira porta de acesso ao conhecimento. A repercussão dessa visão platônica é visitada por Hunter no *De Finibus*, de Cícero, no *Como um jovem deve estudar poesia*, de Plutarco, até chegar aos Pais da Igreja, entre os quais está Máximo de Turim, com sua comparação de Odisseu, que se amarrou no

mastro para salvar sua vida, e Cristo, que se deixou pregar na cruz para salvar humanidade.

Da leitura desse livro de Hunter sai o leitor conhecendo melhor não só a impressão e o impacto que os poemas homéricos causavam entre os antigos, mas também o próprio texto, com suas nuances e complexidades. Nesse sentido, o *The Measure of Homer* é não só instrutivo sobre a recepção antiga, mas um bom estímulo para mais uma visita aos poemas, que têm suscitado, séculos afora, a imaginação e a reflexão de diversos leitores e escritores.

Referência

HUNTER, Richard. *The Measure of Homer: the Ancient Reception of the Iliad and Odyssey*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

Recebido em: 3 de agosto de 2020.

Aprovado em: 5 de outubro de 2020.